4º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

6 DE JUNHO DE 2025

LUCAS 10.1-20

1 ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL DO DOMINGO

Ao ler os textos deste domingo, percebe-se um fio condutor que entrelaça missão, cuidado, consolo e **alegria** da salvação. Deus age em favor do seu povo, sustentando, conduzindo e salvando.

1.1 Salmo

O **Salmo 66.1-7** é um convite à adoração universal e celebração por um Deus que salva, conduz e sustenta a humanidade. Toda terra é chamada a cantar louvores. O salmista relembra o livramento do Êxodo, onde o povo atravessou o mar sem molhar seus pés. Memória que se torna motivo de esperança e alegria para todo aquele que confia no Deus que faz maravilhas.

1.2 Antigo testamento

Em **Isaías 66.10-14**, a promessa é de restauração, de cuidado e de paz. Assim como uma criança encontra segurança nos braços de sua mãe, assim o povo de Deus é chamado a encontrar consolo, alegria e vigor na presença do Senhor.

1.3 Epístola

Na carta aos **Gálatas 6.1-10,14-18**, Paulo faz um apelo para que os cristãos da Galácia vivam uma ética do Reino, onde os filhos e filhas de Deus não vivem para si mesmos, mas carregam os fardos uns dos outros. A vida cristã não é um projeto de autossuficiência, mas de comunhão. E, acima de qualquer vanglória, a única glória possível é a cruz de Cristo.

1.4 Evangelho

Por fim, em **Lucas 10.1-20**, há o envio dos setenta discípulos: uma missão marcada por urgência na proclamação e dependência de Deus. A missão carrega tanto bênção quanto juízo. Os discípulos se alegram com seus feitos, no entanto, a verdadeira alegria não está nos frutos visíveis da missão, mas em ter o nome escrito no céu e, por isso, certeza da salvação.

2 APROFUNDAMENTO EM LUCAS 10.1-20

Desde o capítulo 9.51, Jesus está decidido a ir a Jerusalém. Seu semblante demonstra essa firmeza de propósito. Logo, esta não é apenas uma jornada geográfica, mas é a caminhada rumo à cruz, onde sua missão será consumada. No caminho, ele ensina, cura e envia seus discípulos à frente, demonstrando claramente que há um itinerário claro até seu ponto de chegada.

2.1 Comentários de versículo a versículo

Versículo 1

Depois disso: provavelmente Lucas está conectando o texto que segue a todo bloco desde 9.51, mas é significativo que, logo após Jesus confrontar aqueles que desejavam segui-lo, mas não estavam dispostos a assumir as exigências do discipulado, ele mesmo escolhe e envia outros discípulos. Na missão urgente que ele lhes dava, não havia espaço para um “*daqui a pouco eu vou*”.

Setenta: Não há consenso entre os estudiosos qual foi, de fato, o número de enviados por Jesus. Manuscritos confiáveis dizem ter sido setenta. Outros (também confiáveis) defendem ter sido setenta e dois. Não há nenhuma questão doutrinária em jogo, o que deixa essa discussão um tanto desnecessária. Mas, ao usar o “setenta” Jesus pode estar fazendo algumas referências simbólicas curiosas:

- Referência ao relato de **Gn 10**, onde os descendentes de Noé formam um total de setenta nações, apontando o desejo de que, em todas as nações, seja proclamado o Reino. Talvez esse argumento perca força na medida em que eles são enviados aos pares.

- Há, também, uma possível referência à **Nm 11.16,17** onde setenta anciãos são designados a ajudar Moisés na liderança do povo.

- Outro paralelo possível está no Sinédrio, formado por setenta membros mais o sumo sacerdote. Este número teria sido fixado na ideia de que eles eram os sucessores daqueles que Moisés havia escolhido para lhe ajudar. Sendo assim, a escolha do número por Jesus estabeleceria um contraste direto entre uma liderança religiosa centrada nas tradições humanas e uma comunidade de discípulos enviados e guiados diretamente pela sua autoridade divina.

De dois em dois: Jesus não explica o motivo de os enviar em pares. Mas como a resposta de Deus para aqueles que não receberem os mensageiros será de juízo, é possível que ele queira satisfazer a ordem de Dt 17.6, onde há a necessidade de, pelo menos, duas testemunhas para que haja a justa condenação de alguém. Além disso, como indica Paulo na epístola do dia: “*Levem as cargas uns dos outros e, assim, estarão cumprindo a lei de Cristo*” (Gl 6.2) na missão de Deus, é melhor sempre que haja apoio, melhor que seja dois em vez de um.

Versículo 2

A seara é grande: indica que há muito trabalho a ser feito; **Trabalhadores são poucos:** indica e enfatiza a urgência com a qual Jesus está enviando aqueles homens: há muito trabalho e poucos para executá-lo.

Peçam ao Senhor da seara: Apesar de muito trabalho ser necessário, há um Senhor da seara que envia trabalhadores. Curiosamente, quem deve orar pedindo trabalhadores é a própria resposta à essa oração, visto que eles mesmos partem nesta missão.

O que fica evidente é que a seara não é dos trabalhadores, mas de Deus. Toda missão de proclamar e evangelizar não é frutífera sem que o Senhor esteja agindo, enviando trabalhadores e fazendo a seara frutificar e crescer.

Versículos 3 e 4

Eis que os envio: muito embora apenas os Doze sejam chamados de “apóstolos”, Jesus utiliza o verbo “**ἀπέστειλεν**”, para os setenta. Este verbo carrega o sentido de “enviado em missão, com autoridade e propósito”, base do conceito de “apóstolo”. Provavelmente, diferente dos Doze, havia um caráter temporário na missão em que os setenta são enviados.

Cordeiros para o meio de lobos: este aviso de Jesus indica tanto o perigo que iriam enfrentar, quanto sua fragilidade diante destes perigos. Cordeiros, por natureza, são animais indefesos diante de predadores e precisam da proteção de pastores ou outros cuidadores. Com isso Jesus não omite o fato de que eles irão enfrentar oposição e adversidade, mas ensina que sua postura não deve ser combativa. E, como cordeiros, não devem tentar impor à força a mensagem do Reino. Além disso, a figura usada por Jesus, os coloca em total **dependência** de Deus durante sua missão, retomando o conceito do vs. 2, de que a seara é do Senhor.

Não levem bolsa, nem sacola, nem sandálias: no original, a palavra “bolsa” seria um recipiente para carregar dinheiro, enquanto “sacola” seria o equivalente a alforje, bolsa de viagem para carregar itens de mantimento. Reforça a confiança que os setenta deveriam ter na provisão daquele que os enviou na missão.

Ao falar das sandálias, Jesus não está pedindo que andem descalços, mas que não levem um par extra. Isso tudo reforça o sentido de que não deviam se preocupar com a possibilidade de algo lhes faltasse em sua jornada e caracteriza o caráter de urgência de sua ida, visto que, naquele mesmo momento já estavam prontos para partir, sem precisar “*passar em casa*” antes.

Não saúdem ninguém: Jesus não está ordenando que seus enviados sejam antipáticos, mas está reforçando a urgência com que deviam cumprir sua missão. Tradicionalmente, naquele contexto cultural, as saudações eram demoradas e podiam envolver longas e detalhadas conversas sobre o estado da pessoa e família. Não havia tempo para isso.

Versículos 5 a 7

Comecem dizendo: a orientação de começar com uma saudação mostra que, na missão, é importante ter intencionalidade. Os discípulos não chegam de qualquer jeito, mas com um propósito claro, estabelecendo desde o início o tom da interação.

Paz seja nesta casa: o termo grego para “paz” é **Εἰρήνη** (eirene) é equivalente à saudação hebraica **שלום** (shalom), “paz” que significa muito mais do que ausência de conflitos. É uma bênção completa, que envolve bem-estar e harmonia na vida como um todo, fruto da ação de Deus. Logo, essa paz só pode vir daquele que é o “Príncipe da Paz”, prometido em Is 9.6. É a mesma paz dada aos discípulos após a ressurreição deste Príncipe: “A paz esteja convosco” (Jo 20.19,21,26). É a paz que vem da vitória sobre o pecado e a morte.

Se houver ali uma pessoa que ama a paz, sobre ela repousará a paz de vocês: a tradução mais literal seria: “se houver ali um *filho da paz*” (**υἱὸς εἰρήνης**), que é uma expressão idiomática semítica, indicando que ali há um “homem de paz”. Se houver “filho da paz” (alguém receptivo), ela permanecerá sobre ele e irá gerar a paz que vem com a salvação. Caso contrário, a paz “retorna” aos enviados. Uma linguagem figurada que reforça que a paz de Deus não é dada por “magia”, no sentido de que certas palavras sendo ditas transformam corações automaticamente.

Fiquem na mesma casa, comendo e bebendo. (...) Não fiquem mudando: Jesus orienta os discípulos a praticarem a contentação, evitando buscar melhores acomodações ou benefícios pessoais. Isso reforça tanto a urgência da missão quanto a simplicidade do serviço. Mais importante do que conforto é a disposição daqueles que acolhem Cristo por meio de seus enviados. Por mais humildes que venham a ser as hospedagens, os enviados devem permanecer com quem os acolheu.

Versículos 8 e 9

Comam do que lhes for oferecido: retoma e amplia o sentido do verso 7, reforçando que todo trabalhador é digno de sustento. Os discípulos não deveriam se constranger em ser mantidos por quem os recebia, pois estavam a serviço de Cristo e precisavam desse apoio. Além disso, como provavelmente estavam indo para regiões além do Jordão, poderiam ser recebidos por pessoas consideradas cerimonialmente impuras, e, conseqüentemente, também poderiam receber alimentos considerados

“impuros” pela tradição judaica. Jesus deixa claro que isso não é mais relevante para seus missionários: a missão do Reino está acima do que qualquer distinção de ritual.

Curem (...) e digam: “O Reino de Deus se aproximou de vocês”: O “Reino de Deus” é um dos principais temas em Lucas e se refere ao governo e reinado soberano de Deus, que foi inaugurado por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus. A frase "se aproximou de vocês" indica tanto uma realidade presente quanto uma esperança futura. Isso sugere que, por meio de Jesus, o reino de Deus entrou na história humana, oferecendo salvação e transformação. Portanto, este Reino não é um espaço geográfico delimitado, mas é uma ação... o Reino está onde o Rei está agindo.

A forma verbal traduzida por “aproximou” é significativa: ἤγγικεν (engiken) está no modo perfeito indicativo ativo. O modo perfeito no grego indica uma ação completa, com efeitos permanentes, já sentidos no presente. Isto é, o Reino não está apenas vindo, mas já chegou e seu efeito já pode ser sentido no “agora”.

No caso dos setenta enviados por Jesus, o anúncio do Reino não veio apenas em palavras, mas em ações concretas de restauração e cura, que eram um sinal visível da autoridade e da ação de Deus por meio daqueles homens.

Versículos 10 a 12

Saiam pelas ruas, dizendo: Caso não fossem bem recebidos, os discípulos deveriam deixar claro, publicamente, que o Reino de Deus havia chegado... não mais como bênção, mas como juízo.

“Saibam que está próximo o Reino de Deus”: A mensagem é a mesma, mas seu caráter muda. A rejeição não altera a realidade concreta da chegada do Reino de Deus, mas pode alterar seu caráter, de paz para juízo. Mas a chegada do Reino é uma verdade objetiva.

“Menos rigor para Sodoma”: O juízo que caiu sobre Sodoma (Gn 19.23-25) se tornou uma referência proverbial para expressar o juízo de Deus. Impressiona o fato de que, para os que rejeitaram os enviados de Jesus, haverá um julgamento ainda mais severo. É provável que seja assim porque, no relato de Gênesis 19, Sodoma não recebeu nenhum anúncio prévio, nenhum chamado claro ao arrependimento. Já as cidades visitadas pelos setenta tiveram aquilo que Sodoma não teve: a oportunidade de ouvir, de

forma direta, a mensagem de arrependimento e salvação. Quanto maior o acesso à revelação, maior também a responsabilidade diante de Deus.

Versículos 13 a 15

“Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida!”: Corazim e Betsaida eram cidades da Galileia onde Jesus realizou muitos milagres (literalmente “feitos poderosos” – a palavra usada é *δυνάμεις*). Mesmo vendo esses milagres, o povo não se arrependeu.

A palavra “Ai!” (*Οὐαί*) não tem tom vingativo, mas expressa lamento e tristeza por estas cidades por não terem se arrependido. Já Tiro e Sidom eram cidades portuárias fenícias, conhecidas por sua riqueza, comércio e influência cultural, mas, também, por sua idolatria. Aparecem aqui como contraste: povos pagãos, distantes da revelação judaica, teriam se arrependido se tivessem presenciado os mesmos sinais e milagres que Corazim e Betsaida testemunharam.

Cafarnaum... jogada no inferno: Assim como Corazim e Betsaida, Cafarnaum também é incluída no lamento de Jesus, mas sua situação é ainda mais grave, pois grande parte do ministério de Jesus aconteceu ali. Mateus (9.1), inclusive, a chama de “própria cidade (de Jesus)”. Ao rejeitar a mensagem do Reino, Cafarnaum será julgada com rigor e lançada no inferno (literalmente, no *ᾗδου* - Hades), o lugar dos mortos, usado aqui como figura de condenação. Isso contrasta fortemente com a expressão “elevada até o céu”, que sugere que a cidade recebeu honra e privilégio de ter visto tantos feitos poderosos, mas não correspondeu.

Versículo 16

Quem ouve vocês, ouve a mim: assim como um embaixador de um país não representa a si mesmo, mas a nação que lhe enviou, embaixadores de Cristo nunca são protagonistas e nunca falam de si em sua proclamação. De modo que, ouvir um enviado de Jesus nunca é apenas ouvir apenas uma voz, mas é receber a Palavra viva e ativa que é o próprio Cristo. Cristo não apenas é o conteúdo da mensagem, mas é o Senhor e a própria mensagem. Além disso, fica claro que há uma unidade entre Jesus e seus discípulos.

Quem rejeita vocês é a mim que rejeita: ao rejeitarem aqueles homens, não estavam rejeitando dois pobres viajantes, mas a mensagem de salvação que eles carregavam.

É possível fazer uma conexão com Mateus 25.31-45, onde Jesus descreve o Dia do Juízo, em que irá separar as ovelhas dos cabritos. Enquanto as ovelhas são benditas e irão herdar o Reino e os cabritos são malditos e irão para o fogo eterno. O motivo? Jesus diz que o primeiro grupo será salvo porque acolheu, hospedou, alimentou, vestiu e visitou “pequeninos”. Já o segundo grupo fez exatamente o oposto e, por isso, será condenado por rejeitar os “pequeninos”.

É comum interpretar “pequeninos” como os pobres e necessitados de nossa sociedade. Com essa interpretação, muitos fazem um chamado para a ação social, como se para entrar no Reino fosse necessário cuidar dos fragilizados. Mas não é disso que Jesus está falando neste texto. Levando em consideração que em Mateus Jesus usa o termo “pequeninos” para designar seus discípulos (Mt 10.42), fica evidente que a salvação não será por obras sociais (embora importantes). Mas será por ter acolhido um mensageiro de Cristo e, por consequência, o próprio Cristo e sua mensagem de salvação. Isso ganha força no trecho deste versículo: “Quem ouve vocês ouve a mim; e quem rejeita vocês é a mim que rejeita.”

Versículos 17 a 20

Senhor, em seu nome os próprios demônios se submetem a nós!: O retorno dos setenta é marcado por alegria. Lucas não informa quanto tempo eles estiveram em missão, mas as palavras ditas nesse reencontro deixam evidente que a autoridade concedida por Jesus não era simbólica, mas real e operante no mundo espiritual. Curiosamente, os discípulos não relatam nenhum outro aspecto de sua missão, apenas o fato de que os demônios se submetiam a eles (possivelmente em atos de exorcismos).

Vale observar que, no comissionamento (1-16), Jesus não menciona explicitamente a possibilidade de encontrarem demônios. Isso sugere que tal experiência pode ter sido, para eles, surpreendente e impactante, levando-os a considerar necessário relatar apenas esse fato ao próprio Jesus e, talvez, até se sentindo “participantes” na vitória de Cristo sobre Satanás... mas eles são cuidadosos em

reconhecer que essa autoridade não é deles próprios, mas tudo acontecia “em seu nome”.

Eu via Satanás caindo: É difícil saber ao certo o que significa a expressão dita por Jesus. Mas a forma verbal utilizada é **Ἔθεώρουν** (etheoroun) que está no modo imperfeito ativo, podendo ser traduzido por “Eu estava vendo, eu contemplava continuamente” dá a ideia de que, ao longo da missão dos discípulos, Jesus vê, “em tempo real”, o colapso do domínio de Satanás. Além disso, essa imagem lembra textos como Is 14 e Ap 12, que falam da queda do inimigo. Jesus mostra que a proclamação do Reino já reflete uma derrota “cósmica” de Satanás.

do céu como um relâmpago: A palavra “céu” aqui pode ser entendida como uma metáfora que significa o ponto mais alto de autoridade e domínio, enquanto “relâmpago” expressa a queda de forma súbita e inevitável.

Essa missão dos setenta, é uma derrota real e decisiva para o poder das trevas... ainda que não definitiva. Sua consumação se dará na cruz e na ressurreição de Cristo, e será festejada plenamente no dia da ressurreição dos mortos. Contudo, os efeitos já são visíveis naquele momento: a missão dos discípulos não apenas anuncia, mas manifesta o poder de Cristo e sua autoridade sobre o mal.

Curiosamente, aos olhos de um observador desatento, todo esse “alvoroço” em algumas cidades não passaria de dois viajantes pregando sobre um tal Reino invisível, realizando algumas curas e sinais. Mas, no plano espiritual, Satanás estava sendo derrubado com força e de maneira repentina, pela proclamação do Evangelho.

Pisarem cobras e escorpiões: é uma metáfora usada na bíblia para simbolizar o enfrentamento das forças do mal (Gn 3.15; Sl 91.13; Ap 12.9). Serpentes e escorpiões eram, no contexto judaico, símbolos tanto de perigo físico quanto de mal espiritual.

Nada, absolutamente, lhes causará dano: esse trecho não deve ser interpretado como uma promessa de imunidade física ou ausência de sofrimentos. Afinal, os próprios discípulos e apóstolos enfrentariam perseguições, prisões e mortes. A promessa garante que, enquanto estiverem realizando a obra para o qual haviam sido enviados, o mal não teria vitória sobre eles.

Alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, e sim porque o nome de cada um de vocês está registrado no céu.: Jesus os alerta para que não se alegrem (com orgulho próprio) diante daquilo que Deus havia feito por intermédio deles,

porque uma alegria muito maior é a de ter o nome escrito no céu (evocando a imagem de Êx 32.32; Dn 12.1; Ap 20.12). A verdadeira fonte de alegria de um discípulo de Cristo não está no exercício da “autoridade espiritual”, nem nas experiências extraordinárias da missão, mas na certeza da sua própria salvação.

Assim, é significativo que o verbo utilizado para “registrado”, **ἐνγράφεται** (engegraptai), está no modo perfeito que, como citado antes, indica uma ação concluída, cujos efeitos permanecem no presente. Ou seja, os nomes dos discípulos foram escritos e continuam escritos no céu, e os efeitos dessa realidade já se fazem sentir no presente: segurança, consolo e certeza da salvação.

3 O QUE EU PREGARIA

Ilustração possível: Falar de uma viagem, com desafios, alegrias e companheiros de jornada. No fim, para entrarmos no destino final, precisaremos de um “passaporte/ticket”.

3.1 Tema: “nome no céu, pés na terra”

3.2 Tópicos a serem trabalhados

1. Vivendo como cordeiros entre lobos:

- ✓ A vida cristã nem sempre é confortável. Pode ser marcada por riscos, rejeições e lutas... especialmente por causa da fé.
- ✓ A vida pode ser comparada como uma viagem em um lugar hostil e perigoso (embora esse lugar hostil não seja o ponto de chegada, apenas o caminho).
- ✓ Quantas vezes buscamos segurança no dinheiro, no controle, nas garantias, “nos excessos de bagagens”?
- ✓ Mas Jesus diz: **“Não levem bolsa, nem sacola...”** (há aspecto de urgência no que precisamos fazer: proclamar ao mundo caído e principalmente, de confiança, podendo ser evocado o texto de Mt 6.25-34)

2. O Senhor sustenta e consola:

- ✓ Pois o Salmo do dia lembra: Deus abriu caminho no meio do mar e preservou seu povo (Deus nos dá um itinerário).
- ✓ Isaías proclama que Deus consola, carrega no colo, fortalece (ele nos ampara nessa viagem).
- ✓ E o Senhor usa de pessoas ao nosso lado - ideia reforçada por Paulo em Gálatas quando nos convida a levarmos as cargas uns dos outros para, assim, cumprir a lei de Cristo (não “viajamos” sozinhos rumo aos céus, mas em Cristo, temos companheiros de jornada: ele próprio e os irmãos que ganhamos pela comunhão com ele).
- ✓ Acima de tudo, o evangelho lembra que a missão não é solitária porque somos sustentados pela mão do Senhor (ele é o piloto, o guia... e o destino).

3. A missão traz frutos... mas também oposição

- ✓ Ainda desejemos que nossos esforços de trazer mais companheiros de jornada frutifiquem, isso não depende apenas de nós.
- ✓ Nem todos recebem a paz. Nem todos querem ouvir a Palavra pregada puramente.
- ✓ Isso gera frustração, desânimo, cansaço...

4. A maior alegria: seu nome está no céu

- ✓ Por isso, como é o Senhor que cuida e aumenta a seara, a fonte da nossa esperança e alegria não está nos resultados de nossa missão...
- ✓ Está no que Deus fez por nós: nos deu um nome, uma cidadania eterna... por meio de Cristo, ele nos deu um “**passaporte/ticket**” para o céu.
- ✓ Isso foi recebido já no Batismo, onde ganhamos uma nova identidade, e nosso nome foi escrito no céu.
- ✓ E a alegria de saber disso já modifica nosso modo de viver hoje... pois enquanto não chegarmos lá, devemos manter nossos “pés no chão” para sermos instrumentos de Deus em meio a um mundo que sofre.
- ✓ E para que a proclamação do Reino alcance ainda mais pessoas.

5. Vivemos, servimos e caminhamos porque já somos do Reino

- ✓ O que fica claro é que não vivemos em serviço **para merecer** o céu.
- ✓ Os setenta discípulos não tiveram seus nomes escritos no céu porque foram na missão que Jesus lhes deu, mas porque ele os escolheu (Lc 10.1) ...
- ✓ Na verdade, os escolheu antes mesmo de nascerem (Ef 1.4,5).
- ✓ Logo, como Ef 1.4,5 serve também para nós, fica evidente que **não** servimos **para** sermos seus cidadãos do Reino... mas servimos **porque já** o somos.
- ✓ E por isso, aonde formos, levamos a paz do Reino, sabendo que não precisamos temer o fim nem o juízo (que assolará Cafarnaum, Betsaida e Corazim) pois cremos e confiamos que o Rei nos aguarda de braços abertos porque nossos nomes já estão inscritos lá.
- ✓ Quem tem o destino garantido, viaja sem medo...

Rev. Jordan Gowert Madia

CEL. Da Cruz, Petrópolis – Porto Alegre / RS